

Uma história de... *quase naufrágios*

*Antes que Eu te formasse no ventre materno,
Eu te conheci... Jeremias 1:5.*

O dia claro de verão anoiteceu antes do tempo. Eram quase quatro horas da tarde. A *gaiola* entrava no perigoso Estreito de Breves, no rio Amazonas.

Gaiola era o apelido daquela espécie de embarcação porque carregava passageiros, mercadorias e gado. O conhecido estreito é respeitado e temido pelos marinheiros que navegam pelo Amazonas. Ali, a imensidão do maior rio do mundo, em volume de água, se espreme numa passagem tão estreita quanto profunda, nas proximidades da Ilha de Marajó.

A região é envolvida por chuvaradas repentinas, que caem no meio das tardes abafadas e quentes do norte brasileiro. As ondas, habitualmente nervosas em razão do pequeno espaço por onde tanta água escoava ao mesmo tempo, tornam-se furiosas durante as tempestades. Até os mais experientes navegadores da Amazônia evitam cruzar o Estreito de Breves quando há previsão de chuvas mais fortes.

Naquele dia, as condições do tempo indicavam a aproximação de uma grande tormenta. O capitão da *gaiola*, não querendo atrasar seu programa de viagem, resolveu arriscar-se pelo estreito, contrariando a opinião de alguns tripulantes e passageiros.

Aquela atrevida decisão haveria de revelar, pouco depois, suas graves consequências. A tempestade desabou impiedosa sobre a embarcação. Ventos fortíssimos, raios, trovões e ondas enormes faziam o navio adernar perigosamente.

Apavorados, os passageiros clamavam, rezavam e faziam promessas, temendo o iminente desastre que poderia acontecer a qualquer momento.

Completamente desgovernado, o barco foi chocar-se com uma das margens. A proa rasgou a terra como se estivesse cortando um pedaço de sabão. O impacto fez com que caixotes repletos de mercadorias se espalhassem pelo convés e caíssem nas águas revoltas.

O viajante, como é chamado o proprietário desse tipo de embarcação, desceu furioso de seu camarote e despejou todo o seu *refinado* vocabulário sobre o imprudente capitão. Faltou pouco para dar-lhe uns sopapos. Sua preocupação não era exatamente com a vida dos passageiros e tripulantes. A verdadeira razão de sua revolta era prejuízo acarretado pela carga perdida.

Em meio àquela confusão de gritos e estampidos, um menino de cinco anos, ajoelhado ao lado da cama de seu pequenino camarote, com mãozinhas postas, suplicava: "Papai do Céu, não deixe a gente morrer agora."

Deus, que certamente ouviu a prece do garoto, sabia que o destino final daquele barco não haveria de ser o naufrágio. Dentre os passageiros estava um grupo muito precioso, para o qual Deus tinha planos especiais. Viajavam naquele navio o Pastor Dourival, sua esposa Dinah e o pequeno Dorizinho – o valente intercessor na oração. A família voltava de um período de quatro anos em que estivera servindo numa lancha assistencial, cuja base de apoio era Parintins, Estado do Amazonas. O missionário estava a caminho de seu novo local de trabalho: Vitória, capital do Espírito Santo.

Esta é uma das muitas histórias de *quase naufrágio* da família Souza Lima.

Ciranda, cirandinha...

Dinah, com sua fé inabalável e total confiança em Deus, portou-se corajosamente diante do perigo que enfrentara em meio àquela implacável tempestade amazônica.

Ela tinha consciência de que corria um risco ainda maior, envolvendo mais do que sua própria vida: encontrava-se grávida pela segunda vez. Dinah quase morrera no primeiro parto, por isso, o casal fizera opção de não ter mais filhos. Os médicos haviam alertado que uma nova gravidez seria de alto risco. Deus, que soberanamente

conhece todas as coisas, tinha outros planos. Desejava acrescentar um novo membro à família do missionário.

Aqui eu, Irene, entro nesta história!

Tenho muito a agradecer ao Senhor, pois apesar dos temores de meus pais, Ele me concedeu a oportunidade de vir à existência neste mundo. Claro que somente muitos anos mais tarde pude compreender a extensa dimensão dos propósitos divinos.

Devo um agradecimento especial também a meus pais. Afinal, eles foram muito corajosos para enfrentar um desafio tão grande. Tanto a gravidez de minha mãe como meu nascimento aconteceram tão-somente porque a mão poderosa do Senhor dos impossíveis nos sustentou. Tudo o que aconteceu comigo me faz hoje crer nos milagres de Deus, crer que os impossíveis dos homens são *sempre possíveis* para o Senhor.

Que plano maravilhoso Ele tinha para mim!

Fui concebida nas águas do Amazonas, o maior rio do mundo. Durante essa *pitoresca* viagem de Parintins até Vitória, eu ainda vivia no aconchego da barriga da mamãe.

Após superarmos a tempestade, chegamos a Belém do Pará. Eu e a mamãe quase não pudemos continuar viagem até Vitória. Se ainda hoje não se recomenda que mulheres a partir do sétimo mês de gravidez façam longas viagens, imagine-se naquele tempo, com tão poucos recursos! A companhia aceitou nosso embarque somente depois de uma forte argumentação de meu pai. Ufa! Que alívio! Na verdade, um alívio temporário, pois o dia 17 de janeiro se aproximava. Foi a data em que eu nasci.

O que meus pais temiam aconteceu. O parto trouxe consigo grande desespero e ansiedade para eles. Eu não conseguia achar o caminho para sair. Nem podia, pois não estava na posição adequada para o nascimento.

Sem os recursos de um bom hospital, nasci em casa, com a ajuda de uma parteira, cujo nome era Maria Dourado, *o mesmo nome de minha avó paterna!*... Foram horas de grande sofrimento para minha mãe e para mim.

Quando a parteira informou que teria de usar os *ferros* para me trazer à luz, papai entrou em grande conflito interior. Ele conhecia os danos e traumas que os tais *ferros* – em linguagem médica, *fórceps* – poderiam causar ao bebê. Não desejava que fossem usados. Mas, arriscaria a vida de mãe e filha, impedindo esse procedimento?

Papai caiu de joelhos e clamou ao Senhor por minha vida.

Em Sua grande misericórdia e bondade Deus não permitiu que eu tivesse de nascer com a ajuda de *fórceps*.

Cheguei ao mundo em estado de choque, toda roxinha, sem qualquer reação. Fui colocada numa grande bacia com água quente, depois, água fria; deram-me tapinhas e eu não reagia.

Outro *quase naufrágio* na minha vida.

Num momento de desespero, tudo pode acontecer! A parteira, na sua última tentativa de me reanimar, pegou-me pelos pezinhos e me rodopiou no ar, num tipo de ciranda vertiginosa.

Que maneira mais inusitada de chegar ao mundo! E nessa estranha brincadeira de roda nem tive o direito à canção *Ciranda, Cirandinha*...

Então eu chorei! Chorei e não parei mais, por um bom tempo. Graças a Deus, chorei antes que fosse muito tarde!

Logo que minha mente começou a entender conceitos abstratos, papai me contou, com orgulho, o significado do meu nome. *Irene* é uma palavra de origem grega, significa *Paz*.

Há alguns anos, quando participei de um seminário sobre relacionamentos familiares, recebi um lindo cartão que acrescentava uma conotação espiritual ao meu nome: *Espírito Vitorioso*.

Hoje, ao estabelecer uma ligação entre as circunstâncias que envolveram meu nascimento com o nome da cidade onde nasci, e juntando o significado de meu nome com a sua conotação espiritual, posso afirmar, com absoluta certeza, que meu nascimento só poderia mesmo ter ocorrido em razão de uma completa "Vitória do Espírito Santo" em minha vida!

Identidade em crise

Durante a infância, passei por outros momentos difíceis que deixaram marcas em mim. Há um detalhe que ainda me intriga: quase não me lembro do que aconteceu comigo no período entre meu nascimento e os sete anos de idade. O que ficou gravado na memória foram situações que eu considerei *normais*, por muito tempo. Hoje, sei que Satanás quis destruir minha verdadeira identidade bem como o propósito que Deus tinha estabelecido para minha vida.

Fazer parte de uma família cristã, fiel aos ensinamentos bíblicos, não me livrou de receber ataques frontais do inimigo. Ao contrário, ele conhecia muito bem o potencial do ministério de meus pais. Por saber que os filhos são herança bendita do Senhor, Satanás colocou em ação seus planos sujos quando eu ainda era bem pequena. Ele estava certo de que, tocando na base de minha formação, toda a estrutura de minha personalidade poderia ficar inteiramente comprometida.

Mudanças... mudanças... mudanças... e mais mudanças! Até que era divertido conhecer novos lugares, novas pessoas. Não morávamos mais do que dois anos numa mesma cidade. Meu pai contabilizou 40 mudanças em 10 diferentes estados brasileiros.

Alguns anos após meu casamento, quando passei a enfrentar uma grave crise de depressão, é que pude avaliar a imensa dificuldade que eu tinha em lidar com as perdas. Toda mudança implicava em novas perdas. Conseguia fazer boas amizades e logo não as tinha mais.

Essas frequentes mudanças também não permitiam que eu criasse raízes profundas. Para uma árvore crescer, ela precisa ter raízes fortes. Não foi meu caso. Eu era praticamente *arrancada* sem direito a opinar. Afinal, chamado de Deus não se questiona, se cumpre! Ou, quem sabe, não teriam sido chamados humanos? Ainda bem que o apóstolo Paulo afirma, em Romanos 8:28: *"Deus faz com que todas as coisas cooperem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus e são chamados segundo o Seu propósito."* (Texto extraído de uma tradução livre, porém fiel ao texto original.)

Deus nos chama para trabalhar na Sua seara. Nem todos, porém, conhecem as prioridades que Deus estabeleceu para o ser humano, e onde se encaixa o chamado para o ministério nessas prioridades. Exatamente por desconhecerem, ou ignorarem, o plano de Deus para as famílias, muitos homens que estão em posição de comando podem tornar-se responsáveis pela desestruturação familiar de seus liderados. Com muito temor quero dizer que é tempo de rever conceitos e fazer com que o primeiro rebanho de um pastor seja a sua família.

Não tenho dúvida alguma, à luz da Palavra de Deus, que toda vez que esse princípio fosse colocado em prática, a família ficaria devidamente protegida de ataques do inimigo e passaria ao largo de problemas que somente costumam aparecer ao longo dos anos. E, como fruto da obediência ao plano de Deus, a pregação do Evangelho poderia fluir com muito maior autoridade e unção.

Sou alguém que viveu de perto a experiência de ser filha de pastor. Digo, com *santo orgulho*, que meu pai é um homem muito abençoado e foi tremendamente usado por Deus em seu ministério! Nem por isso vou deixar de afirmar, com conhecimento de causa, que todas as pressões de trabalho e os longos períodos de ausência de meu pai deixaram marcas e traumas na vida da esposa e dos filhos. Quanto sofrimento eu tive de enfrentar, antes de ser curada desses traumas. Foram marcas que, por pouco, não destruíram minha identidade. É triste conhecer realidades semelhantes que muitas pessoas ainda vivem.

Tais traumas não podem ser ignorados impunemente. Há uma lei de semeadura e colheita, apresentada em Gálatas 6:7, da qual ninguém pode escapar: *"Não vos enganéis: de Deus não se zomba; pois...aquilo que o homem semear, isso também ceifará."*

Mais mudanças

Aos 15 anos fui enviada para um colégio interno. Privilégio que ainda hoje é bem restrito, pois muitos pais não têm condições de manter seus filhos numa boa escola particular. Os meus fizeram grande sacrifício para que eu e meu irmão tivéssemos

essa oportunidade.

Era uma linda escola, repleta de moças e rapazes da mesma faixa-etária, bons professores, uma preceptora compreensiva – do tipo segunda mãe – e tantas outras coisas excelentes que um colégio desse nível pode oferecer. Que maravilha!

Era o que eu realmente desejava? Não! Queria mesmo continuar ao lado dos meus pais que, nessa época moravam em Salvador, Bahia. Ainda precisava muito deles! Meu Deus, a que distância eu me encontrava de casa! Trinta e seis horas de viagem. Sequer havia telefone disponível para trocar ao menos um alô semanal com meus pais.

Uma grande educadora escreveu:

*Nem a escola de igreja, tampouco a escola superior, proporcionam, como o faz o lar, as oportunidades de firmar o edifício do caráter de uma criança sobre o fundamento apropriado.*¹

Tão logo fui deixada no colégio, desabei num choro incontido. Chorava e chorava sem parar. Dois meses depois, o diretor da escola entrou em contato com meus pais, falando acerca do meu desespero, ninguém conseguia me consolar.

Foi com grande esforço que minha mãe viajou da Bahia até São Paulo para me ver. Passou um final de semana comigo, procurando me confortar. “As férias de julho estão chegando, você poderá estar em casa outra vez”, dizia ela.

Aqueles três dias simplesmente voaram. Ela retornou para Salvador e eu... voltei a chorar. Era apenas mais uma perda, dentre tantas outras que já havia sofrido.

Com o tempo, o choro foi diminuindo até que se calou de vez dentro de mim. Criou-se um enorme *calo* de insensibilidade no profundo do meu coração. Só mais tarde eu saberia disso.

A falta de diálogo sobre meus sentimentos e o fato de não ter alguém que soubesse ouvir e legitimar minhas emoções, que dissesse que meus sentimentos eram verdadeiros, foi muito dolorido. Na época, tudo o que eu ouvia era: “Pare com essa choradeira, menina, até parece que não tem amigos e parentes aqui perto de você?” Reconheço que eu chorava demais e como isso incomodava os que me cercavam! Não seria esse choro apenas a *fumaça* de um enorme incêndio bem lá no profundo do meu coração?

A dor que eu sentia pela saudade de meus pais não parecia ter muita importância para aqueles que se encontravam mais próximos. Não me lembro de uma única vez que alguém tenha se aproximado de mim para me dizer: “Vamos orar sobre esse assunto e pedir que Jesus coloque paz em seu coração!” Era o que se poderia esperar, afinal, eu estudava num colégio cristão.

Ouvia muito sobre comportamento, regras humanas, doutrinas, o que fazer e o que não fazer, mas pouco, bem pouco, sobre uma experiência real que nós podemos desenvolver com o maravilhoso Salvador Jesus, a Quem só fui conhecer verdadeiramente anos mais tarde. Desejo, do fundo do meu coração que hoje essa realidade esteja ao menos em processo de mudança.

Como é maravilhoso experimentar esse amor que cura nossas dores, que faz cessar nosso pranto, que nos consola!

Na época, eu havia aprendido que isso haveria de acontecer num futuro muito distante, só quando Jesus voltar e nos levar para o Céu. Nesse tempo futuro, e somente então, Deus enxugará de nossos olhos toda a lágrima (Apocalipse 21:4). Que o Senhor tenha misericórdia de pessoas que ainda continuam pensando e agindo dessa maneira.

Creio totalmente no que diz a Palavra de Deus. Mas, o tempo do reino da Glória ainda não começou – quando seremos completamente transformados e receberemos um corpo glorificado. Agora, vivemos no reino da Graça e, mesmo aqui na Terra, já podemos usufruir a vida abundante que Jesus nos oferece. “*Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.*” João 10:10 última parte.

A Palavra de Deus declara: “*O Meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento.*” Oseias 4:6. Certamente o profeta não se refere ao conhecimento teórico e, sim, ao conhecimento prático, experimental.

Ao fazer este relato, expressei o sincero desejo de que, se alguém estiver passando por situações parecidas com as que eu vivi, possa encontrar verdadeiras palavras de conforto e amor nas Escrituras Sagradas.

¹ E. G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, pág. 162.

“E o meu Deus, segundo a Sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma das vossas necessidades.” Filipenses 4:19.

Se esse for seu caso, desejo que você possa encontrar pessoas compreensivas, amorosas, que saibam entender e respeitar seus sentimentos.

Louvado seja o Senhor pelo Espírito Santo, nosso Consolador, que é presença constante em nossa vida. Eu nem O conhecia, mas quanto consolo dEle recebi!

Passado o primeiro impacto da separação, já no segundo semestre, comecei a desfrutar tudo o que aquele colégio podia me proporcionar.

Completei 16 anos. Uma idade linda! Que tal mais uma mudança?

Novo colégio – o melhor internato daquele tempo – novas amizades, novos professores, nova preceptora. Bem, não podia fugir ao costume de levar uma vida meio *cigana*. Que o Senhor me perdoe por usar esse termo, mas era exatamente como eu me sentia, sem raízes, sem ninho...

Aproveitei do colégio o melhor que pude: o excelente nível acadêmico, as boas amizades, as atividades culturais, muita música.

E... passei no teste do coral.

Amei participar daquele grupo. Foram três anos maravilhosos. Até hoje tenho um carinho muito especial pelo maestro Flávio e sua esposa Dilza!

“Quem canta, seus males espanta!” E não é que esse ditado tem algum fundo de verdade? Os males podem continuar existindo, mas a música ajuda a deixá-los, no mínimo, esquecidos.

Por um bom período de tempo, meus sentimentos de mágoa, decepção e perdas ficaram armazenados num canto obscuro de meu coração.

Adivinhe quem conheci no coral?

Meu príncipe encantado! Como era bom ouvir sua voz de barítono, disputando, a plenos pulmões com os colegas de naipe, quem é que tinha a voz mais potente, sempre direcionada aos nossos “meigos” ouvidos de soprano, aos meus especialmente.

Claro, fiz a escolha certa! Ele era o mais lindo; e sua voz, maravilhosa! Ele me conquistou!